

A Criança e a Expressão do Pensamento através do Grafismo¹

Sílvia Helena Virote de Souza²

RESUMO: O presente artigo aborda o desenvolvimento do grafismo infantil, suas fases e importância para o desenvolvimento do pensamento e da construção do conhecimento na vida da criança. Apresenta referências da importância de pais e professores conhecerem estas fases para compreenderem melhor este processo criativo e estimularem as crianças adequadamente. A coleta de dados foi feita através de uma pesquisa qualitativa, com observação dos desenhos e relatos das crianças de dois a seis anos de uma escola particular e através de entrevistas com seus pais. Após a análise dos dados, chegou-se à conclusão que as possibilidades apresentadas influenciam no desenvolvimento gráfico infantil, na criatividade e na construção da autonomia e da autoconfiança, porque é no exercício repetido do fazer, experimentar e refazer que a criança vai formando as estruturas mentais que lhe darão a possibilidade de construir suas ações e intenções, a fim de construir seu pensamento fazendo a leitura deste mundo em que vive.

Palavras-chave: Desenho. Desenvolvimento gráfico infantil. Processo criativo. Construtivismo.

ABSTRACT: This article discusses the development of graphic child, its phases and importance to the development of thought and knowledge construction in the child's life. Has references to the importance of parents and teachers know these phases to better understand this creative process and stimulate children appropriately. Data collection was done through a qualitative research involving observation of drawings and stories of children from two to six years in a private school and through interviews with parents of the same. After analyzing the data, concluded that the possibilities presented in graphical development influence children's creativity, building autonomy and self-confidence because it is repeated in the course of doing, experimenting, that the child will re-forming the mental structures that bring possibility of building their actions and intentions in order to build their thinking by reading this world you live.

Keywords: Design. Child Development Chart. Creative process. Constructivism.

¹ Artigo orientado pelo professor Antônio Pedro da Silva Júnior, apresentado para conclusão do Curso de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade (Instituto Federal Sul-rio-grandense - Campus Charqueadas).

² Especialista em Educação e Contemporaneidade (IFSUL – Campus Charqueadas).

INTRODUÇÃO

Levando em conta a criança em um contexto contemporâneo que recebe diariamente informações culturais, sociais e tecnológicas uma vez que o mundo que se transforma a todo o momento. Essa pesquisa busca analisar e compreender de que forma a criança representa o seu pensamento, fazendo a leitura deste mundo, utilizando o grafismo como forma de expressão, baseando-se nos estudos de Luquet (1969), Lowenfeld (1977) e Piaget (1971).

Ao desenhar, a criança expressa seus sentimentos, seu pensamento e suas vivências, fazendo a interpretação do mundo, além de estimular a inteligência, desenvolver a linguagem e o pensamento lógico. Contudo, apesar de o desenho ser uma forma de representação espontânea, nem sempre as crianças têm as mesmas oportunidades de explorar e experimentar diversos tipos de materiais. Por esta razão, a presente pesquisa realiza um levantamento dos estímulos que as crianças recebem no seu meio familiar e escolar, pois parte do princípio de que pais e professores desempenham um papel fundamental na qualidade destes estímulos e conseqüentemente na evolução do desenvolvimento das crianças.

Através da evolução do grafismo é possível identificar o quanto as crianças estão aprimorando seus desenhos mediante suas experiências individuais e suas interações sociais.

Tendo em vista que cada criança tem seu ritmo de aprendizagem, suas habilidades e seus interesses, seguindo um processo contínuo e individual, é importante ressaltar que a expressão artística infantil contribui para o desenvolvimento da personalidade, da autonomia, da autoconfiança, da criatividade, da concentração, da imaginação e da flexibilidade diante de diversas situações. Levando em conta todas estas características é primordial que tanto pais quanto professores tenham conhecimento das fases do desenvolvimento gráfico infantil para que possam conhecer e compreender melhor este processo criativo a fim de estimularem as crianças adequadamente.

Será de importância vital para o crescimento e para o desenvolvimento da criança se ela tiver a oportunidade de expressar-se livremente através de sua arte, demonstrando sua personalidade.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A criança é dinâmica, espontânea, curiosa por natureza e interage com o meio através da inteligência. Inicialmente explora seu corpo e os locais, manipula objetos, materiais e brinquedos, além de interagir com as pessoas a sua volta. Com estas interações, organiza o pensamento elaborando seu conhecimento. A construção do conhecimento é um processo contínuo e ativo.

A criança entra em contato com o mundo e passa a compreendê-lo da mesma forma que um cientista, ou seja, observando a realidade, interrogando-se, investigando, levantando hipóteses e elaborando teorias. Somente através dessas interações ela conseguirá construir novas estruturas mentais para atingir posteriormente níveis mais desenvolvidos de conhecimento, num processo simultâneo de organização interna e de adaptação ao meio.

À medida que a criança se desenvolve aumenta a sua capacidade de representar o que conhece. Piaget (1966) chamou esta capacidade de função simbólica, conforme ele “[...] a função simbólica seria, portanto o desenvolvimento da

imitação que asseguraria simultaneamente a diferenciação dos significantes e dos significados permitindo a evocação dos objetos ou acontecimentos não atualmente percebidos [...]” (PIAGET, 1966, p.11) A função simbólica é uma forma de representar de diferentes maneiras acontecimentos vivenciados ou objetos que não estão presentes. O desenho é uma dessas maneiras.

Através do desenho, a criança expressa o seu pensamento, retirando do objeto o que quer representar. Desta forma, ela representa no desenho mais o que conhece do objeto e menos o que vê. Quando a criança representa, ou tenta representar, algo que não está presente, ela elabora uma imagem mental. No livro *A formação do símbolo na criança*, Piaget (1971) explica “[...] a representação confunde-se com o pensamento num sistema de conceitos ou esquemas mentais, [...] ela reduz-se a imagem mental ou a recordação-imagem, isto é, á evocação simbólica das realidades ausentes.” (PIAGET, 1971, p.87)

Sendo assim, o conhecimento representado pelo grafismo infantil é o resultado da recordação que a criança traz do objeto, o desenho expressa sua evolução mental. No decorrer do desenvolvimento, a criança vai adquirindo a tomada de consciência de si e do mundo. As imagens e símbolos mentais surgem da imitação, construindo progressivamente a estrutura para o desenvolvimento do pensamento, para Piaget (1971) “essa tomada de consciência a faz chegar à lógica.” (PIAGET, 1971, p. 25)

Porém, é importante ter em mente que nenhuma criança passa repentinamente de uma fase a outra do desenho. Em um processo contínuo de idas e vindas, a criança vai reformulando suas estruturas mentais, elaborando suas hipóteses até que as novidades se combinem com as aquisições anteriores e o conhecimento seja estruturado mentalmente. Este processo é chamado de equilíbrio. De acordo com Piaget (1943) “o desenvolvimento é uma equilíbrio progressiva, uma passagem contínua de um estado de menor equilíbrio a um estado de equilíbrio superior.” (PIAGET, 1943/6, p.123). É na equilíbrio que acontece a autorregulação interna do organismo, ou seja, o sujeito já assimilou e acomodou o novo conhecimento, após o desequilíbrio sofrido.

No início das atividades gráficas, a criança simplesmente deixa marcas no papel, sem nenhuma intenção, apenas pelo prazer de traçar linhas. Nesta etapa, o suporte gráfico (papel ou superfície oferecida para o desenho) deverá ser bem grande, pois nesta fase a criança ainda não tem condições de controlar seus movimentos. O ato de desenhar resume-se à exploração dos materiais, pois a criança encontra-se no estágio sensório-motor de acordo com Piaget (1977).

No início do estágio sensório-motor, a criança não consegue separar o sujeito do objeto e também não há objetos permanentes, é como se ela fosse parte do todo. Somente por volta dos 18 meses, aproximadamente, a criança começa a ter consciência das ações em relação ao próprio corpo; constitui-se a lógica das ações, ou seja, a criança percebe as coisas do mundo pelos sentidos e pelos movimentos. Através de consecutivas tentativas entre erros e acertos, a criança vai aperfeiçoando sua capacidade até conseguir adquirir a noção de permanência do objeto, por volta dos dois anos de idade aproximadamente. Neste momento, a criança passa da atividade sensório-motora para a representação simbólica.

Aos poucos, a criança começa a controlar o movimento do braço e das mãos. Neste momento, ela realiza movimentos circulares e longitudinais, o desenho ganha intenção, apesar de não existir relação fixa entre o objeto e a sua representação. Este estágio foi chamado por Luquet (1969) de realismo fortuito e por Lowenfeld (1977) de garatuja.

Lowenfeld (1977) afirma que, conforme a criança começa a dar significado para sua garatuja, nomeando-a, isso significa que o seu pensamento precede a intenção. Ela passa a raciocinar elaborando uma representação mental da imagem. Segundo ele:

“Esta mudança, de pensar em termos de movimentos para pensar, em termos de figura ou imagens, é de importância decisiva, porque, de agora em diante, e por toda a vida [...], a maior parte do seu pensamento se referirá a imagens. Na realidade dificilmente podemos pensar num nome, ou numa experiência passada, sem nos referirmos a uma imagem mental.” (LOWENFELD,1977,p.100)

À medida que cresce, a criança começa a estabelecer relação entre o seu pensamento e a sua representação. Ela constrói a imagem mental, mas muitas vezes não consegue executá-la por inabilidade motora. Na fase denominada realismo falhado (LUQUET,1969) e pré-esquemática (LOWENFELD,1977), a criança tenta representar cada objeto de uma forma diferente, dando importância somente ao que lhe chama atenção no momento. É comum os elementos aparecerem desordenados no papel omitindo ou exagerando algumas partes do objeto que quer representar. Neste momento, surge a principal característica dessa fase, que é a incapacidade sintética, tem início às relações topológicas (acima/embaixo, dentro/fora), e as relações espaciais mais complexas não a preocupam. De acordo com Piaget & Inhelder (1993):

“[...] o nível de incapacidade sintética apresenta o grande interesse de construir uma representação do espaço que negligencia as relações euclidianas (proporções e distância) e as relações projetivas (perspectivas com projeções e secções) e que apenas têm início na construção das relações topológicas, sem conseguir dominá-las quando se trata de figuras complexas.” (PIAGET & INHELDER,1993,p.64)

Ao desenvolver-se, a criança avança para o estágio pré-operatório, inicia a linguagem, desenvolve a capacidade simbólica e o pensamento intuitivo. Nesta fase, uma das principais características é o egocentrismo: ela passa a pensar e agir exclusivamente a partir de sua própria perspectiva.

Na fase egocêntrica a criança às vezes fala consigo mesma, outras vezes busca informações no ambiente procurando satisfazer suas curiosidades, porém tem dificuldade de aceitar a opinião dos outros. Com frequência, presenciou-se a fala egocêntrica durante o processo de criação do desenho. A riqueza e detalhes destes momentos só podem ser percebidos pelo olhar atento e observador do professor ou dos pais. Seguem abaixo dois exemplos descritos pela professora da turma:

No dia 09 de maio os alunos foram ao teatro assistir a peça “O Mágico de Oz”. Ao final da apresentação, quando estavam se retirando do recinto, a bruxa atirou um beijo para Luisa.

No dia seguinte, foi proposto na hora do trabalho que as crianças desenhassem o que mais gostaram na peça. Foi quando a Luisa começou a desenhar a bruxa com a caneta preta, observou-se que ela fez a cabeça, tronco e pernas, porém o desenho estava de ponta cabeça. Desenhou tudo o que queria, pintou toda a bruxa de preto, porque sua roupa era dessa cor, e enquanto desenhava contava a história do seu desenho e o que aconteceu no

teatro, por que gostou da bruxa (por causa do beijo) e como num passe de mágica a bruxa má tornou-se o centro de suas atenções pela afetividade que se estabeleceu, criando vínculo.



*Figura 1A - Processo de criação.
Luisa e a bruxa do mágico de OZ. Fonte: produção própria.*



Figura 1B - Trabalho característico da fase pré-esquemática (LOWENFELD,1977) ou realismo falhado (LUQUET,1969). Luisa e a bruxa do mágico de OZ . Fonte: produção própria.

Observou-se atentamente esta atividade porque foi a primeira vez que a Luisa representou a figura humana com tantos detalhes, pois a maioria de seus trabalhos estava na garatuja. Percebeu-se também que não houve preocupações espaciais para organizar o desenho e no final a bruxa já não podia ser identificada, pois foi totalmente pintada de preto. O mais interessante desta experiência foi acompanhar o processo de criação, e o quanto a linguagem e a expressão do pensamento através do grafismo podem ser observados enquanto a criança desenha.

Artur pediu o giz, sentou-se em frente ao quadro e começou a desenhar. Era impressionante sua concentração enquanto desenhava. Fez a cabeça com olhos, nariz e boca. Desenhou os cabelos longos e a coroa da princesa, logo depois representou os braços (saíam da cabeça) e pernas.



Figura 2 - Artur e a princesa. Desenho espontâneo realizado na hora da brincadeira livre no quadro verde com giz. Fonte: produção própria

Ficou por um longo tempo observando seu desenho, quando a professora se aproximou e perguntou o que estava desenhando. Ele respondeu que era uma princesa e que não estava conseguindo fazer o vestido (a representação da princesa não tinha corpo). Em seguida sua colega pegou o giz e fez um traço que envolveu as pernas da princesa, foi questionado sobre o que estava fazendo e ela disse que era o vestido. A professora então perguntou ao Artur se ele havia permitido e ele concordou. Finalmente estava satisfeito com o resultado obtido.

As interações entre os alunos também contribuem para ajudar a criança a solucionar suas hipóteses. De acordo com Perondi & Tronca (2001)

“Na convivência, cada ser vê-se obrigado a levar de alguma maneira em consideração as ações ou posições dos colegas e transformá-las assimilando-as. Havendo conflitos de idéias, esses serão produtivos para o avanço cognitivo, facilitando a tomada de consciência da criança sobre respostas diferentes da sua [...]” PERONDI & TRONCA (2011, P.162)

Nesta fase o pensamento fundamenta-se na lógica primitiva chamada de animismo¹. A criança tem resposta e explicação para tudo a sua maneira, porém através das interações, assimilações e informações do meio em que vive ela irá construir e reorganizar seus conhecimentos.

Aos poucos, as formas primitivas do pensamento infantil vão sendo substituídas por formas culturais. Novas habilidades, novas formas de pensar e novas atitudes vão sendo desenvolvidas pelas crianças para se relacionar com o mundo e as pessoas a sua volta. De acordo com Montanero & Maurice-Naville (1998), os estudos piagetianos explicam a passagem do pensamento egocêntrico para um pensamento mais evoluído e lógico através de trocas interindividuais chamada de cooperação. Segundo Piaget (1928/2) “a cooperação é um método e nada mais (...) o método da cooperação se traduz em lógica pela noção de reciprocidade (...) a cooperação é o fato empírico em que a reciprocidade é o ideal lógico.” (PIAGET, 1928/2, p. 202-4)

A cooperação leva à descentração intelectual causada pelo choque do pensamento da criança com o pensamento dos outros. De acordo com Piaget

(1962), “[...] descentrar-se, ou seja, deslocar seu centro e comparar uma ação com outras possíveis, particularmente com as ações de outras pessoas, conduz a uma consciência de “como” e às verdadeiras operações.” (PIAGET, 1962/1, p.135)

A perspectiva desta pesquisa afina-se com Perondi & Tronca (2001) quando afirmam que “o ensino moderno deve tirar proveito do trabalho cooperativo, pois a cooperação social é um dos principais agentes formadores da gênese do pensamento infantil” (PERONDI & TRONCA, 2001, p.162). Nas interações sociais, as divergências e as ações dos indivíduos levam a um avanço cognitivo, pois facilitam a atividade intelectual através do confronto de idéias do grupo.

Enquanto a criança já evoluiu consideravelmente usando a linguagem, imaginando e criando grandes cenas nas brincadeiras de faz-de-conta, a representação gráfica só começa a se organizar quando ela estabelece uma relação entre a forma desenhada e o objeto que quer representar. Dando origem à próxima etapa do desenho infantil chamada realismo intelectual conforme Luquet (1969) e esquemática conforme Lowenfeld (1977).

Nesta etapa, a criança representa vários pontos de vista num mesmo desenho, simultaneamente. Além disso, os elementos de maior importância são realçados. Podem aparecer fenômenos como rebatimento, transparência, planificação, descontinuidade e mudanças de ponto de vista, segundo Luquet (1969).

No rebatimento, os dois lados de um objeto aparecem representados, como se a criança estivesse ao centro, por exemplo: a rua ao centro e as duas calçadas com árvores deitadas nos lados; Na transparência, as crianças retratam o que está dentro dos seres ou das coisas, por exemplo: a mãe com bebê na barriga, o carro com motorista aparecendo como se as laterais fossem transparentes. Na planificação, as crianças desenhavam os objetos achatados, para demonstrar todas as suas partes, por exemplo: carro visto de cima com rodas ao lado. Na descontinuidade, os elementos do desenho aparecem organizados para o mesmo lado, porém parecem estar voando porque não se encostam ao chão. Podem, também, aparecer em uma mesma folha de papel diversos pontos de vista de um local, ou objeto. A criança tenderá a representar as coisas que tem algum significado emocional para ela.



Figura 3A - Exemplo de descontinuidade e planificação. (Sophia, 4 anos). Características presente na fase denominada esquemática (LOWENFELD,1977) ou realismo intelectual (LUQUET,1969) - Fonte: produção própria.



Figura 3B – Exemplo de transparência. (Júlia, 4 anos). Características presente na fase denominada esquemática (LOWENFELD,1977) ou realismo intelectual (LUQUET,1969). Fonte: produção própria.

No primeiro exemplo (fig.3a) vemos claramente a planificação no desenho da cadeira de rodas e a descontinuidade com a representação da ursinha que não encosta os pés no chão. No segundo exemplo (fig.3b) aparece a transparência com o motorista dentro da ambulância.

Como esta etapa é rica em descobertas e tentativas já que as estruturas mentais da criança estão em processo constante de assimilação e acomodação, é preciso incentivar para que a criança faça seus próprios desenhos, porque do contrário estaremos prejudicando sua espontaneidade, criatividade e imaginação se apresentarmos modelos prontos. No livro *A criança e sua arte*, Lowenfeld (1977) afirma: “mais da metade das crianças, expostas aos cadernos de colorir, perdeu sua criatividade e sua autonomia de expressão. Tornaram-se rígidas e dependentes de modelos” (LOWENFELD, 1977, p. 24). Será de importância vital para o crescimento e para o desenvolvimento da criança se ela tiver a oportunidade de expressar-se livremente através de sua arte, demonstrando seus sentimentos, seu pensamento e suas vivências.

Segundo Piaget (1993), é no estágio do realismo intelectual que a criança inicia a representação do espaço através das perspectivas, proporções e distância, ainda que seja de forma primitiva. A proporção está ligada tanto ao tamanho dos objetos como ao tamanho emocional, ou seja, a criança representa em tamanhos maiores as pessoas ou objetos que tem maior representatividade afetiva. Além disso, ela organiza os desenhos usando a parte de baixo do papel como linha de base e a parte de cima como céu.

Ao incentivar o desenvolvimento do grafismo infantil e trabalhar com o processo criativo em sala de aula e também em casa, está sendo proporcionado um vasto leque de experiências para que a criança aprimore o seu pensamento e sua inteligência, permitindo a tomada de consciência de si, as interações com os outros a fim de compreender melhor o mundo a sua volta.

2. PESQUISA E ANÁLISE DOS DADOS

A pesquisa foi iniciada em março de 2011, objetivando identificar como a criança expressa o pensamento através do grafismo, além de analisar de que maneira as experiências do meio influenciam neste desenvolvimento, a fim de conhecer e compreender melhor essas etapas e poder intervir proporcionando estímulos e experiências adequadas para que cada aluno em sua trajetória possa desenvolver-se.

Essa pesquisa baseou-se nas teorias de Lowenfeld (1977), Luquet (1969) e Piaget (1971) e contemplou 12 alunos com idade de três a seis anos da escola Arte Viva no município de Charqueadas.

Buscando compreender o desenvolvimento do desenho infantil, tendo em vista que todas as crianças do mundo expressam-se através do grafismo, o questionamento básico foi: de que maneira a criança expressa o pensamento através do grafismo e de que forma suas experiências e estímulos do meio podem influenciar em seu desenvolvimento?

Com base nestes questionamentos, realizou-se uma entrevista com 12 pais (um de cada aluno), a fim de coletar alguns dados importantes para esta análise. Dentre os 12 pais, constatou-se que um tem mestrado, dois têm pós-graduação, sete têm curso superior completo e dois têm curso superior incompleto. As idades dos alunos analisados estão distribuídas da seguinte forma: um aluno seis anos; dois têm cinco anos; quatro têm quatro anos; e cinco têm três anos.

Nas entrevistas, os pais foram solicitados, individualmente, a responderem a questões que se referiam ao hábito de desenhar em casa, aos tipos de materiais oferecidos para a realização dos desenhos. Perguntou-se, também, se os pais oferecem desenhos prontos para colorir, se estimulam a criação de desenhos, se a criança conta a história do seu desenho. Tentou-se determinar como acontece este processo, qual a importância do desenho para o desenvolvimento infantil com o objetivo de fazer um levantamento dos estímulos que os alunos recebem no seu meio familiar. No entanto, nas perguntas que se referem à criança na escola, foram feitos os seguintes questionamentos: tempo de escolaridade do filho, evolução no desenvolvimento e contribuição do trabalho pedagógico. Procurou-se analisar como os pais percebem os estímulos que a escola oferece e qual é a contribuição para o desenvolvimento dos seus filhos.

Foram analisados oito desenhos de cada aluno totalizando 96, de acordo com os estágios do desenvolvimento do grafismo infantil, a fim de identificar a evolução alcançada até o presente momento. Procurou-se classificar realizando um paralelo entre as características dos estágios dos desenhos segundo Lowenfeld (1977) que são: garatuja, pré-esquemática e esquemática e as características dos desenhos segundo Luquet (1969) que são realismo fortuito, realismo falhado e realismo intelectual. Foram analisados ainda signos gráfico-plásticos que mostram as diferentes fases evolutivas pelas quais passa o desenho infantil. Além da classificação segundo os autores citados acima, buscou-se analisar a expressão do pensamento através das histórias e frases contadas pelos alunos durante o processo de criação ou após o término do mesmo.

2.1. ESTÍMULOS OFERECIDOS NO CONTEXTO FAMILIAR

É no contexto familiar que a criança inicia todas as suas experiências e descobertas. Dependendo das oportunidades e estímulos que recebem neste contexto, melhor será seu desenvolvimento intelectual e cognitivo. Experimentar e descobrir não significa ter tudo o que quer materialmente, mas ter oportunidades de conhecer diversos materiais que podem ser utilizados no processo de criação, ter liberdade de se expressar, de se sujar, de desenvolver o pensamento e a sensibilidade através dos sentidos a fim de desenvolver o sentimento a respeito de si e do mundo que a rodeia, representando tudo isto

em seus desenhos e em suas brincadeiras. Para isto, é necessário que os pais tenham o conhecimento da importância que o ato de desenhar tem para a vida de seus filhos, pois, conforme afirma Lowenfeld (1977)

“As manifestações artísticas, iniciadas nos primeiros anos de vida, podem significar para nossos filhos a diferença que existe entre indivíduos adaptados e felizes e outros que, apesar de toda a capacidade, continuam, às vezes, desequilibrados e encontram dificuldades em suas relações com o próprio ambiente. Para nossos filhos, a arte pode constituir o equilíbrio necessário entre o intelecto e as emoções.” (LOWENFELD, 1977, p.19)

Diante dos dados coletados nas entrevistas com os pais, foi surpreendente a quantidade de estímulos oferecidos no contexto familiar. Constatou-se que 11 alunos têm o hábito de desenhar em casa e somente um desenha às vezes. De um modo geral, os pais valorizam o desenho e estimulam as crianças para que criem seus próprios desenhos oportunizando diversos materiais. Dentre eles, foram citados: lápis de cor, giz de cera, canetinhas, grafite, cola colorida, têmpera, papel, bloco, cadernos, computador, giz, gravetos, quadro e canetas. Além dos citados, todas as crianças têm contato com outros materiais em casa como massinha, tesoura e tintas.

Durante o ato de desenhar os pais relataram que alguns alunos desenhavam simplesmente sem expressar o pensamento, enquanto que a maioria conta a história do seu desenho depois que desenhava ou até mesmo antes de desenhar, demonstrando que há um planejamento anterior a representação gráfica. Esta antecipação demonstra claramente a construção do pensamento.

Dos 12 pais entrevistados, cinco costumam dar desenhos prontos para as crianças pintarem, quatro os dão eventualmente e três não os dão. Percebe-se que muitos pais não têm conhecimento do efeito que estes desenhos prontos podem causar no ato criador e expressivo das crianças, pois acreditam que dar desenhos prontos também é uma forma de estimular. No entanto, segundo Lowenfeld (1977) “nos cadernos de figuras para colorir não há lugar para expressar as próprias ansiedades [...], nem sequer lugar para as diferenças individuais.” (LOWENFELD, 1977, p.23) Por isto é tão importante deixar as crianças expressarem suas vivências e emoções através de seus próprios desenhos.

Durante as entrevistas, os pais demonstraram o que sabem sobre a importância do desenho no desenvolvimento das crianças. Várias habilidades foram relatadas nas respostas, entre elas: o aprimoramento da coordenação motora, o desenvolvimento da concentração, da atenção, da organização espacial, da lógica e do conhecimento sintético. Além dessas respostas também relataram que através do desenho as crianças elaboram suas experiências, expressam sentimentos e individualidade, além de construir o pensamento. Na fala de alguns entrevistados podemos perceber claramente estes posicionamentos:

“O desenho auxilia a construção do pensamento, pois ajuda a criança a organizar o que quer expressar.” (mãe)

“O desenho é a expressão individual da criança, do seu próprio mundo e do mundo a sua volta.” (mãe)

“Ao desenhar a criança elabora suas experiências, expressa sensações e sentimentos, expõe conhecimentos, se organiza mentalmente e no espaço.” (mãe)

Ao desenhar a criança expressa sua personalidade, suas angústias e sua sensibilidade. É imprescindível estimular as crianças a observarem todas as coisas utilizando todos os sentidos para enriquecer suas experiências e a expressão gráfica.

O papel primordial da família é estimular e sentir as necessidades da criança, proporcionando o desenvolvimento da sensibilidade, sem permitir que as tecnologias e alguns meios de comunicação eliminem por completo esta capacidade que o ser humano tem de captar através da observação as experiências sensitivas e o conhecimento da realidade a sua volta.

2.2. VISÃO FAMILIAR DIANTE DOS ESTÍMULOS OFERECIDOS PELA ESCOLA

No levantamento realizado com as perguntas que se referem à criança na escola, constatou-se que os pais reconhecem os estímulos que a escola oferece, pois relataram evolução no desenvolvimento dos seus filhos citando entre eles o desenvolvimento da organização, da comunicação, da socialização, da criatividade, da segurança, da espontaneidade, noções de cores e espaço, conhecimento das letras, além do desenvolvimento gráfico, motor e da linguagem.

Segundo Perondi & Tronca, “a criança sofre inúmeras transformações quando integrada em um ambiente estimulante.” (PERONDI & TRONCA, 2001, p.131). Estas transformações são observadas pelos pais e mostram a contribuição que o trabalho pedagógico apresenta diante do desenvolvimento que as crianças demonstram na construção do conhecimento e de novas habilidades. Pode-se observar isto nos relatos dos entrevistados quando responderam a pergunta: você acha que o trabalho pedagógico realizado pela escola contribui para o desenvolvimento cognitivo do seu filho? Explique:

“Sim. A capacidade criativa da minha filha aumentou muito. Os desenhos são ricos em detalhes, mostrando com isso o seu desenvolvimento intelectual aliado as histórias que ela mesma inventa ou reproduz após a leitura.” (pai)

“Sim. A escola tem um papel fundamental no desenvolvimento cognitivo e afetivo das crianças. Na escola a criança tem mais possibilidades de interação com pessoas diferentes, materiais e outras crianças o que favorece e desafia o seu desenvolvimento.” (mãe)

“Sim, pois afinal este é o papel da escola. A minha filha demonstrou diferenças e crescimento em sua linguagem, no grafismo, já reconhece letras e números, além do desenvolvimento afetivo.” (mãe)

2.3. ANÁLISE DOS DESENHOS INFANTIS

“Um desenho é um conjunto de traços cuja execução foi determinada pela intenção de representar um objeto real, quer a semelhança procurada seja ou não obtida.” (LUQUET, 1969, p.135)

Ao analisar os desenhos dos alunos, pode-se observar que todos demonstraram evolução no desenvolvimento gráfico, e o mais interessante foi perceber a individualidade estampada nestas representações, visto que cada

aluno tem um estilo ou forma de desenhar. Alguns representam seus desenhos carregando nas cores, vivas e contrastantes; outros têm o traço mais leve, não carregam tanto na cor ou até utilizam tons claros. Alguns demonstram autonomia e determinação no momento da criação, decidem o que vão fazer e executam; outros são mais contidos até indecisos, mostrando em alguns momentos insegurança, necessitando de aprovação e muito incentivo. Segundo Lowenfeld (1977) “não existe duas crianças iguais e, de fato, cada criança difere do seu eu anterior à medida que constantemente cresce, compreende e interpreta o seu ambiente. A criança é um ser dinâmico; para ela a arte é uma comunicação do pensamento.” (LOWENFELD, 1977, p.157)

A seguir fotos (fig. 4, 5 e 6) que mostram a evolução de três alunos de março até o momento:

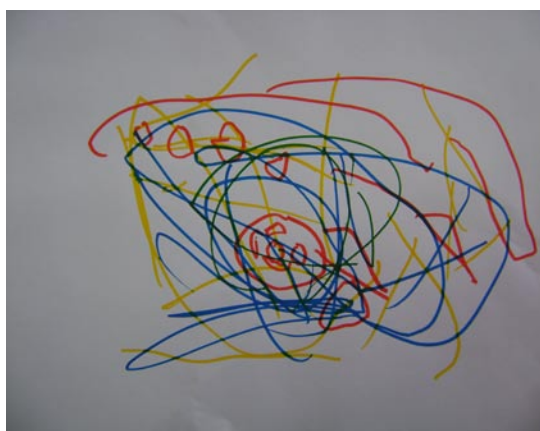


Figura 4A - Desenho espontâneo. Desenhos da aluna Maria Eduarda (3 anos) realizados em meses diferentes durante as atividades propostas em aula. Fonte: produção própria.



Figura 4B - A bruxa e a Rapunzel no castelo. Desenhos da aluna Maria Eduarda (3 anos) realizados em meses diferentes durante as atividades propostas em aula. Fonte: produção própria.



Figura 4C - A prenda. Desenhos da aluna Maria Eduarda (3 anos) realizados em meses diferentes durante as atividades propostas em aula. Fonte: produção própria.

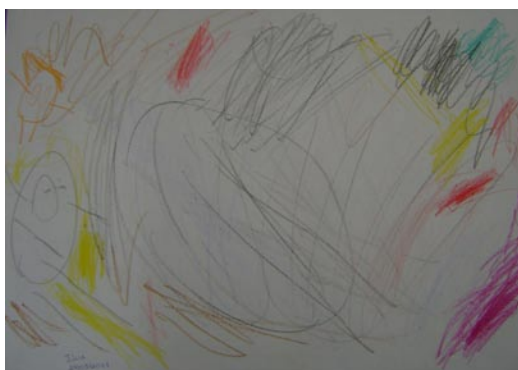


Figura 5A - Desenho livre. Desenhos da aluna Júlia (4 anos) realizados em meses diferentes durante as atividades propostas em aula. Fonte: produção própria



Figura 5B - O coelho da páscoa. Desenhos da aluna Júlia (4 anos) realizados em meses diferentes durante as atividades propostas em aula. Fonte: produção própria



Figura 5C - Júlia e seus amigos. Desenhos da aluna Júlia (4 anos) realizados em meses diferentes durante as atividades propostas em aula. Fonte: produção própria.



Figura 6A - Monstro. Desenhos da aluna Nathália (3 anos) realizados em meses diferentes durante as atividades propostas em aula. Fonte: produção própria.

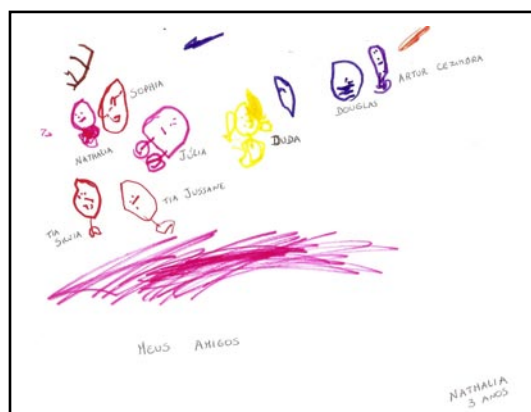


Figura 6B - Amigos da escola. Desenhos da aluna Nathália (3 anos) realizados em meses diferentes durante as atividades propostas em aula. Fonte: produção própria.



Figura 6C - Minha família. Desenhos da aluna Nathália (3 anos) realizados em meses diferentes durante as atividades propostas em aula. Fonte: produção própria.

Ao observar os desenhos é possível categorizá-los da seguinte forma:

Nas figuras 4a, 5a e 6a os desenhos apresentam características da fase garatuja (LOWENFELD,1977) ou realismo fortuito (LUQUET,1969), demonstrando nos traços movimentos circulares e longitudinais.

Nas figuras 4b, 5b, 6b e 6c os desenhos apresentam características da fase pré-esquemática (LOWENFELD,1977) ou realismo falhado (LUQUET,1969). Nestes desenhos, observou-se que os elementos aparecem desordenados e soltos no papel com algumas partes exageradas ou faltando. É possível perceber que não existem relações espaciais. Observou-se também que apesar de haver evolução da figura 6b para a figura 6c ambas representam a mesma fase do desenvolvimento do grafismo infantil por suas características.

Nas figuras 4c e 5c os desenhos apresentam características da fase esquemática (LOWENFELD, 1977) ou realismo intelectual (LUQUET, 1969). Nestas representações percebemos uma organização espacial nos desenhos: aparecem a linha de base e a linha do céu.

Durante a execução das criações procurou-se estimular e incentivar a criatividade. Cada aluno colocou no papel o resultado de seu pensamento e desejo. Desta forma, registraram-se algumas frases ou histórias selecionadas que mostram claramente a expressão do pensamento infantil contadas durante a execução ou término dos desenhos. Segundo Perondi & Tronca (2001) “O pensamento nasce e se desenvolve a partir do uso da linguagem.” (PERONDI & TRONCA, 2001, p.84)

Nos exemplos que seguem (fig.7) pode-se observar na fala dos alunos a construção do pensamento lógico através de suas narrativas, bem como a noção de tempo. Além disso, todos os trabalhos a seguir apresentam características da fase do realismo intelectual (LUQUET,1969) e esquemática (LOWENFELD,1977).

“Nós estávamos na praia e não levamos bóia. O pai ficou brabo porque a praia era funda. A mãe deixou nós tomar banho na praia e brincar na areia.”
Luisa B. (4 anos)

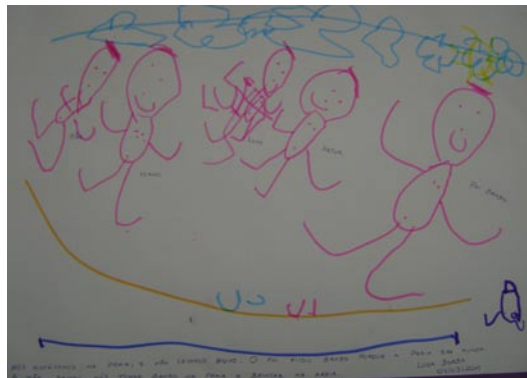


Figura 7A - Representação da família realizada pela aluna Luisa B. (4 anos). Trabalhos característicos da fase do realismo intelectual (LUQUET,1969) e esquemática (LOWENFELD,1977). Fonte: Produção própria

“A Luisa, a prima Jade e o dindão estavam passeando. Quando começou vir as nuvens de trovões. Começou a chover neles. Eles foram para dentro de casa.” Luisa C. (3 anos)



Figura 7B - Representação simbólica de um acontecimento vivido realizado pela aluna Luísa C. (3 anos). Trabalhos característicos da fase do realismo intelectual (LUQUET,1969) e esquemática (LOWENFELD,1977). Fonte: Produção própria

“Os cabritinhos estavam dentro de casa, quando o lobo disse: auuuuuuuu!”
Bernardo (4 anos)



Figura 7C - Representação gráfica da história “os sete cabritinhos” realizada pelo aluno Bernardo (4 anos). Trabalhos característicos da fase do realismo intelectual (LUQUET,1969) e esquemática (LOWENFELD,1977). Fonte: Produção própria

Os trabalhos apresentados anteriormente (fig.7) apresentam particularidades que podem ser observadas tanto nas representações gráficas como na construção do pensamento registrados na escrita da narrativa de cada aluno.

Na figura 7a o trabalho proposto era desenhar a família, a Luisa B. representou todos os elementos que aparecem e depois contou a história do seu desenho. Percebe-se em sua fala que existe sequência lógica nos acontecimentos.

Na figura 7b o desenho foi realizado espontaneamente na hora da brincadeira livre, pela aluna Luisa C., e cada elemento do desenho surgiu após a narração de cada parte da história. Os personagens apresentam tamanhos diferentes no que diz respeito às (proporções) e estão de acordo com a realidade. As nuvens de trovões foram colocadas estabelecendo a correspondência um a um demonstrando o princípio das noções matemáticas. A casa está representada pelo risco azul que contorna parte dos personagens. Toda esta representação simbólica foi feita para contar um acontecimento vivenciado anteriormente, ou seja, é a representação da imagem mental.

Na figura 7c o aluno Bernardo representou graficamente uma cena da história “os sete cabritinhos”, após ouvi-la. O que chama a atenção foi a forma como ele representou a fala do lobo, sendo esta representada pelo risco que sai de sua boca. Através deste desenho podemos observar as hipóteses que a criança faz a respeito da escrita. Neste caso, Bernardo demonstrou criatividade para representar o seu pensamento, já que ainda não está alfabetizado.

Esta pesquisa analisou 10 signos gráfico-plásticos que aparecem nos desenhos das crianças (fig.8, anexo a). Dentre estes signos estavam descontinuidade, planificação, transparência, opacidade (característica contrária da transparência), existência e inexistência de relação de objetos, existência e inexistência da linha de base, linha de céu, além da colocação do EU (característica que representa a fase egocêntrica).

Percebe-se que, dos 96 desenhos analisados, apareceram com menos frequência os seguintes signos gráfico-plásticos: a inexistência da relação de objetos, com 41,66%, e a planificação, com 33,33%. No entanto, de forma crescente aparecem a seguir a inexistência da linha de base e a transparência

com 66,66%, a linha de céu com 74,99%, a existência da linha de base com 83,33%, a descontinuidade com 91,66%, a opacidade e a colocação do Eu com 100%. Os signos gráfico-plásticos analisados mostram as diferentes fases evolutivas pelas quais passa o desenho infantil.

Ao analisar os desenhos percebe-se que nove alunos já estão apresentando algumas características da fase do realismo intelectual (LUQUET,1969) e esquemática (LOWENFELD,1977) e três dos alunos mais novos estão apresentando características da fase do realismo falhado (LUQUET,1969) e pré-esquemática (LOWENFELD,1977), apesar de algumas vezes retornarem a características de fases anteriores, principalmente na fase inicial denominada garatuja (LOWENFELD,1977) ou realismo fortuito (LUQUET,1969) o que é extremamente normal. De acordo com Luquet (1969) “[...] o progresso efetua-se por graduações quase insensíveis e compõe-se de períodos de estagnação e, mesmo, de regressão.” (LUQUET, 1969, p.157). Conforme Sans (2007), “a capacidade criadora é um potencial inerente à pessoa, que não se mede e não se ensina, mas existem meios de estimulá-la, fazendo com que o ser humano a explore e torne-se mais criativo.” (SANS, 2007, p.19)

O importante é que a criança consiga representar no desenho o que sente dentro de si, seja o que for. Através de suas manifestações espontâneas terá um crescimento mais completo, pois o trabalho criativo leva ao desenvolvimento da flexibilidade, da sensibilidade, da autodisciplina, da autoconfiança, da imaginação, do pensamento criativo e lógico, da iniciativa e conseqüentemente da autonomia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos aqui mencionados e os dados apresentados e analisados sugerem que temos muito que aprender sobre o grafismo infantil.

Através das leituras, análises e das experiências realizadas amplia-se a valorização e o reconhecimento de que além das fases posteriores, a primeira fase do grafismo denominada garatuja (LOWENFELD,1977) ou realismo fortuito (LUQUET,1969) é importantíssima para o desenvolvimento infantil, tendo em vista que ela é o ponto de partida de todo o processo gráfico, seja ele no desenho ou na escrita pela vida afora. No livro *Pedagogia do desenho infantil*, Sans (2007) afirma que: “dificilmente, os adultos valorizam essa etapa do grafismo infantil, mas é, por meio dessa fase, que a criança obtém a autoconfiança necessária para progredir com maior vigor às etapas seguintes.” (SANS, 2007, p.46)

Constatou-se também que é normal o retorno a fases anteriores do desenho, pois é assim que a criança constrói seu conhecimento. Para a criança o importante é o processo de criação e não o produto final, como a maioria dos adultos pensam. Dependendo da forma que professores ou pais interpretam esta etapa, das expectativas que criam e da forma como interagem podem contribuir ou traumatizar as crianças para o resto da vida. Por isto a importância de estimular e orientar desde o início as experiências e descobertas infantis, possibilitando o desenvolvimento do pensamento e a construção do conhecimento. Segundo Perondi & Tronca (2001):

“Ao desenhar, a criança organiza, registra, constrói, expressa sua capacidade narrativa, estabelece noções de tempo e espaço, exercita noções matemáticas e de geometria, desenvolve noções de estética e, sobretudo, amplia a sua visão sociocultural, mesmo antes de iniciar seus estudos de forma sistemática na escola.”(PERONDI & TRONCA, 2001, P.85)

Através do desenho podem-se visualizar as características individuais de cada criança e acompanhar suas evoluções, a construção do pensamento e da aprendizagem, pois os conhecimentos das etapas do grafismo contribuem para que professores e pais possam oferecer mais oportunidades às crianças, a fim de que explorem e experimentem diferentes tipos de materiais e conseqüentemente tenham um desenvolvimento mais significativo.

As possibilidades apresentadas influenciam no desenvolvimento gráfico infantil, na criatividade, na construção da autonomia e da autoconfiança, porque é no exercício repetido do fazer, experimentar, refazer que a criança vai formando as estruturas mentais que lhe darão a possibilidade de construir suas ações e intenções a fim de construir seu pensamento fazendo a leitura deste mundo em que vive.

Nota

1. Animismo: A crença da criança de que tudo na natureza é dotado de vida e orientação, do mesmo modo que ela (por exemplo, o sol a acompanha para cuidar dela, o vento sopra para mantê-la refrescada). Pulask (1986, p.219)

Referências bibliográficas

- LOWENFELD, V. **A criança e sua arte**. 2ª ed., São Paulo: Mestre Jou, 1977.
- LUQUET, G. H. **O desenho infantil**. Porto: Minho (Portugal) 1969.
- MONTANGERO, J. MAURICE-NAVILLE, D. **Piaget ou a inteligência em evolução**. Porto Alegre: ArtMed, 1998.
- PERONDI, J. D.; TRONCA, D. S.; TRONCA, F. Z. **Processo de alfabetização e desenvolvimento do grafismo infantil**. Caxias do Sul: EDUCS, 2001.
- PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.
- _____. **A imagem mental na criança**. Porto: Livraria Civilização, 1977.
- _____. 1928/2, Logique génétique et sociologie, Revue philosophique de la France et de l'étranger, 105, (1-2), 168-205.
- _____. 1943/6, Le développement mental chez l'enfant, Juventus Helvetica: notre jeune generation,2,123-140.
- PIAGET, J.; INHELDER, B. **A representação do espaço na criança**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- PULASKI, M. A. S. **Compreendendo Piaget**. Rio de Janeiro: LTC, 1986.
- SANS, P. T. C. **Pedagogia do desenho infantil**. Campinas: Editora Alínea, 2007, 2ª edição.

Anexo

Anexo a) Desenhos realizados pelos alunos da pesquisa que mostram exemplos de signos gráfico-plásticos. Cada um destes desenhos foi feito em dias diferentes por alunos diferentes na hora do trabalho e retratam claramente as diferenças individuais.



Figura 8A– Transparência. Exemplos de signos gráfico-plásticos. Fonte: produção própria.



Figura 8B– Opacidade. Exemplos de signos gráfico-plásticos. Fonte: produção própria.



Figura 8C– Existência de relação de objetos. Exemplos de signos gráfico-plásticos. Fonte: produção própria.



Figura 8D – Inexistência de relação de objetos. Exemplos de signos gráfico-plásticos. Fonte: produção própria.



Figura 8E – Existência da linha de base. Exemplos de signos gráfico-plásticos. Fonte: produção própria.

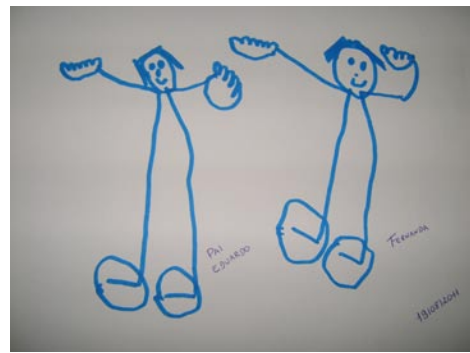


Figura 8F – Inexistência da linha de base. Exemplos de signos gráfico-plásticos. Fonte: produção própria.



Figura 8G – Linha do céu. Exemplos de signos gráfico-plásticos. Fonte: produção própria.



Figura 8H– Descontinuidade. Exemplos de signos gráfico-plásticos. Fonte: produção própria.



Figura 8I – Planificação. Exemplos de signos gráfico-plásticos. Fonte: produção própria.



Figura 8J– Colocação do Eu. Exemplos de signos gráfico-plásticos. Fonte: produção própria.